

OLHARES DOCENTES

O resgate da memória cultural angolana como um lugar de resistência¹

Wellington Gonzaga Brandão

Graduação em Pedagogia pela FAISA (Ilha Solteira- SP), Mestrando em Ensino e Processos Formativos - UNESP/FEIS (Ilha Solteira- SP) e bolsista CAPES

Professor Pesquisador - UNESP/FEIS

Mesmo tendo vivido em Luanda, Lisboa e Rio de Janeiro, Ondjaki não permitiu que a miscigenação continental de cultura o afastasse da essência de propor uma literatura como um mundo, como uma arma de imaginação, uma armadilha de desejos, local de dor, fantasia e poesia que se for absorvida aos poucos pode



servir como doses intencionais de um elixir com poder de tocar a humanidade de alguma forma, ou como ele mesmo disse: “a ficção tem o papel de aproximar a humanidade de si mesma”.

Ao começar a viagem pelos caminhos que nos levam a observação dos apontamentos que

exprimem situações de resistência e memória na obra do autor, pode-se estabelecer um marco introdutório com a questão da repressão feminina imposta pelo falocentrismo, na figura do homem dominador e até mesmo a repressão religiosa. Ele colocou sua literatura como elemento capaz de dar corpo às questões de luta e resistência, já existentes em tantos movimentos que tentam atenuar as diferenças culturais, concernentes a vários aspectos sociológicos, criadas entre homem e mulher. Ainda se referindo a ideia de resistência há a

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura Angolana, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2018.

abordagem da temática da guerra espelhada na vivência ou lembrança do autor feita com muita propriedade, pois ele é um conhecedor das consequências e contemporâneo da guerra civil angolana. Em relação a memória ele faz uma abordagem por meio de recursos de registros de linguagens muito próprios, selecionados dentro de contextos africanos temporais e espaciais e utilizados como elementos estreitamente ligados as questões identitárias, concomitante com o viés pós-colonial de suas inserções cotidianas no mar tempestuoso de um pós-conflito maculado pela pobreza e a desigualdade sócio-econômica. Constantemente o entrelaçamento do resgate da memória com a resistência que paira nos ares vibrantes da literatura de Ondjaki recriam a esperança e o sonho de uma Angola liberta e com a união da tradição com a modernidade ele pretende eternizar os ecos da realidade pós- independência, os efeitos da guerra civil, o clima de pós- conflito e a motivadora reconstrução nesse cenário especial e progressista da literatura angolana.

Momentos cruciais estruturantes dos livros deste escritor estão associados a uma revalorização da cultura e da linguagem que perpassam pelas questões identitárias contextualizadas com os espaços fronteiriços (individual/coletivo) das interações sociais do próprio povo angolano, expressados por uma visão ficcionista muito própria. É de suma importância também lembrar que a vasta escrita aqui analisada veio de uma fonte que não se deixou contaminar pelas desilusões da realidade degradante e corrupta gerada nos excrementos do ambiente pós- colonial angolano e acima de tudo não se abateu diante dos piores exemplos de atentados contra os mais elementares direitos. Na contra mão disso tudo ele se envolveu e se empenhou por colocar a sua experiência e a cultura angolana como propulsoras de sua obra e a capacidade de falar, com um lirismo contagiante, de coisas muito ruins é uma característica muito intrigante, pois o autor faz com que se abracem o humor sutil e a delicadeza para falar de guerra, é como juntar mel e lágrimas na mesma taça em que estão as palavras.

Conclui-se que todos os efeitos colaterais que a população sentiu durante as situações conflituosas estão sabiamente registradas na criação dos versos ou romances, esse jogo de ficção e realidade por expor o cotidiano das pessoas opositoras ao domínio ideológico do governo e os posicionamentos relevantes dos personagens confere ao perfil das obras a incumbência de formar e transformar o indivíduo que a lê.